

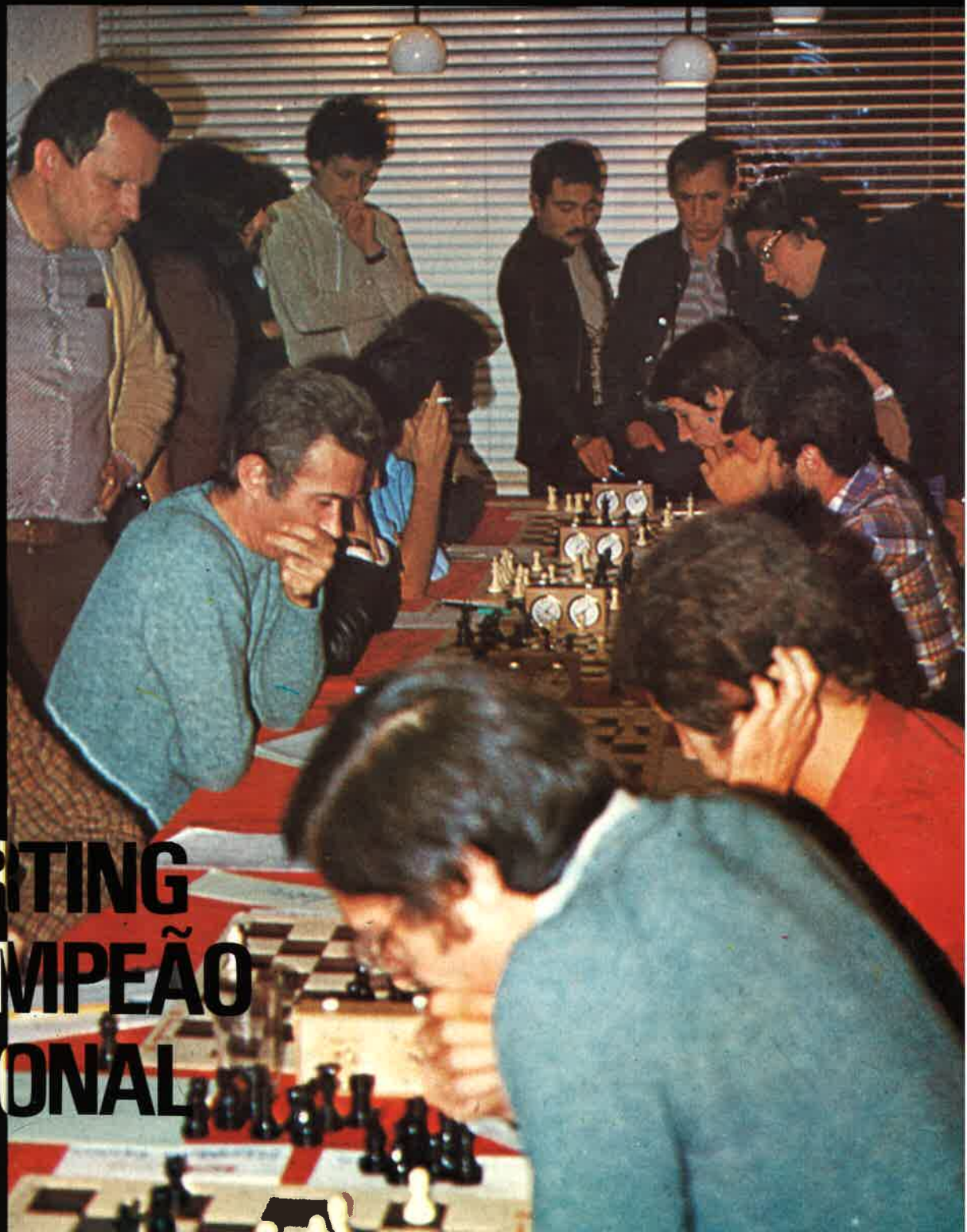
II SÉRIE

n.º 9

DEZEMBRO 1977

PREÇO 15\$00

REVISTA PORTUGUESA DE
xadrez



**SPORTING
É CAMPEÃO
NACIONAL**

SUMÁRIO

- 138 Grupo Desportivo do B.N.U. homenageia Mestre Gabriel Russel
- 139 Nacionais de Rápidas - Luís Santos finalmente, Benfica novamente
- 141 Secção de Consulta
- 142 Comemorou-se o Dia Universal do Xadrez
- 143 Durão na URSS
- 145 Finais elementares (II)
- 146 Torneio F.P.X. — Sílvio Santos o vencedor
- 148 Baile no posto avançado
- 149 O mate ajudado
- 150 Sporting campeão nacional
- 153 Korchnoi em vantagem
- 155 Partidas recentes
- 156 Para resolver

Proprietária e editora: Federação Portuguesa de Xadrez — Sede da redacção e administração: Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.º, Lisboa-1 — Tels. 53 90 27/8.

Director: Simões Nunes — **Corpo redactorial:** Álvaro Pereira, Armando Aragão, Daogberto Markl, José Oliveira, José Pereira dos Santos, Luís Santos, Rui Nascimento, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Victor Silva (chefe de Redacção) — **Colaboram neste número:** Américo Costa, Fernando Oliveira, Joaquim Durão, Manuel Serra, Miguel Costa, Pedro Peixoto, Sílvio Santos **Correspondentes:** Faria de Bastos Manuel Matos, Pedro Palhares, Vladimiro Miranda — **Fotografia:** Álvaro Fernandes.

Administrador: Gonçalo Leal — **Administrador-adjunto:** Agostinho Roxo — **Contabilidade:** José de Almeida.

Composição e impressão: Gráfica Progressiva de Cacilhas, Lda. — Rua Carvalho Freirinha, 63-A — Cacilhas — Tel. 275 14 94

Tiragem: 6.500 exemplares

Distribuição: Agência Portuguesa de Revistas

Preço por número: 15\$00 — **Assinatura semestral:** 80\$00 — **Assinatura anual:** 150\$00.

Grupo Desportivo do B. N. U. homenageia Mestre Gabriel Russel

De 22 a 26 de Novembro as salas do Centro Social e Cultural dos Trabalhadores do Comércio voltaram a animar-se com a efectivação de uma iniciativa de homenagem a Gabriel Russel promovida pelo Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados do B.N.U.

Russel, que, a nível federativo, atingiu o título de mestre nacional, contribuiu com o peso do seu valor e prestígio para a divulgação do xadrez no meio dos trabalhadores através das suas numerosas participações em torneios interbancários e provas organizadas pelo INATEL, e em representação do G.D.C.E.B.N.U., onde igualmente se distinguiu como o melhor jogador de sempre na modalidade.

A iniciativa, que se integrou no Ano Mundial do Xadrez, compreendeu, para além de um torneio individual de partidas rápidas, duas provas colectivas em poule numa participaram as equipas classificadas nos seis primeiros lugares do Campeonato da Associação de Xadrez de Lisboa; na outra, tomaram parte seis das melhores equipas de núcleos de empresa da região de Lisboa. O ritmo adoptado era de noventa minutos para a partida.

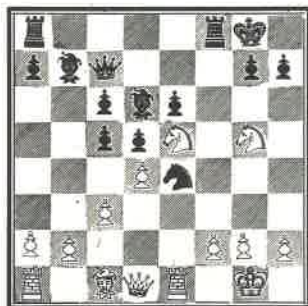
A classificação do grupo das equipas federadas foi a seguinte:

1.º, **Benfica**, 15 pontos; 2.º, **Sporting**, 11; 3.º, **Alvalade**, 10½; 4.º, **Alekhine e Ateneu**, 10; 6.º, **Belenenses**, 3½.

B. ROSA - F. OLIVEIRA

Francesa

1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cd2 Cf6 4. e5 Cfd7 5. Cgf3 c5 6. c3 Cc6 7. Be2 (melhor é 7. Bd3) f6 8. exf6 Cxf6 9. 0-0 Bd6 10. Bb5 (perde um tempo. Mais aconselhável seria 10. Cb3 para activar o bispo de c1, ou então 10. Te1) 0-0 11. Te1 Dc7 12. Bxc6?! (entrega o bispo bom) bxc6 13. Ce5 Bb7 14. Cdf3 Ce4 15. Cg5?! (diagrama)



15... Tae8 16. Cxe4 dxe4 17. Txe4 cxd4 18. cxd4 (18. Dxd4? c5) c5 19. Te1 (19. Te2 é melhor, para defender o ponto f2) cxd4 20. Cf3 (se 20. Dxd4? Bc5, e as negras têm ataque decisivo, devido à fraqueza de f2) e5 (mais seguro que 20... Txf3 21. gxf3 Bxh2+ 22. Rf1 Tf8 23. f4 Bxf4, embora as negras tenham aqui larga compensação e ataque pela qualidade) 21. Db3+ Rh8 22. Bg5 e4! (vantagem decisiva) 23. Tac1??

Perde peça. Se 23. Cxd4 Bxh2+ 24. Rf1 Ba6+ 25. Ce2 Bg3 com as seguintes variantes: 26. f4 Bxf4 e a ameaça do xeque descoberto decide: se 26. f3 exf3; se 26. Be3 Bxf2 27. Bxf2 Dc5 28. Dg3 e3 com ameaças decisivas, ou 27... Dh2 28. Dh3 (única) Txf2+ 29. Rxf2 e3+ 30. Rf1 Tf8+ 31. Df3 Dh1++, ou 30. Rf3 Bb7+ 31. Rg4 Bc8+, ganhando a dama. 23. Cd2 ou 23. Ch4 também não resolvem os problemas das brancas.

23... exf3 24. Be3 (já não há nada a fazer. Agora eu podia ter jogado 24... dxe3!! 25. Txc7 exf2+ 26. Rxf2 fxe2+ 27. Tf7 Txf7+ 28. Dxf7 Txe1, ganhando) Bxh2+ 0:1 (seguia-se 25. Rf1 Ba6+ e mate em alguns lances).

(comentários de FERNANDO OLIVEIRA)

Classificação da prova para grupos de empresa:

1.º, **Laboratório Nacional de Engenharia Civil**, 16½; 2.º, **Banco Nacional Ultramarino - B**, 12½; 3.º, **Banco Totta e Açores**, 11; 4.º, **Hospitais Cívicos de Lisboa**, 8; 5.º, **Banco Nacional Ultramarino - A**, 6½; 6.º, **Carris**, 5½.

No último dia, realizou-se um torneio de partidas rápidas, que contou com a participação de 100 jogadores. Os que disputaram a final principal ficaram ordenados da maneira que se segue:

1.º, **António Fernandes**, 7½; 2.º, **João Sequeira e Renato Pereira**, 6½; 4.º, **Luís Santos**, 6; 5.º, **José Morgado**, 5; 6.º, **Rui Pereira**, 4½; 7.º, **Armando Baptista**, 4; 8.º, **Álvaro Fernandes**, 3; 9.º, **José Silva**, 2; 10., **Renato Vasconcelos Jr.**, 1.

Foram distribuídos valiosos prémios, tendo, na ocasião, o dirigente do G.D.C. E.B.N.U. Francisco Sancho feito o elogio do mestre homenageado, congratulando-se pelo êxito do acontecimento.

Luís Santos finalmente Benfica novamente

Depois de dominar completamente duas épocas na modalidade de partidas de cinco minutos, Luís Santos é campeão nacional de rápidas

E já não era sem tempo! Há duas épocas que Luís Santos domina a especialidade de cinco minutos. A época passada ganhou todos os torneios de rápidas em que participou, mas perdeu o Campeonato Nacional nas últimas três jornadas. Este ano voltou a dominar todos os torneios em que entrou (haveria mais tarde de perder o torneio do BNU) e ao contrário do que aconteceu no ano passado, na última jornada não deixou fugir o título, ganhando a partida decisiva que o opôs a Fernando Silva, terminando com dois pontos de avanço sobre este, três e meio sobre o terceiro, João Sequeira, e com o bonito score de 18 pontos em 19 possíveis

O futebol

Todos nós, gente ligada ao Xadrez, já tivemos em maior ou menor grau problemas com o futebol, modalidade forte e poderosa. Desde o mais alto nível, em que a federação de futebol pretende a parte de leão das receitas do totobola deixando às outras modalidades as migalhas, até ao pequeno clube de aldeia, onde por haver futebol não há espaço para uma sala de xadrez, ou se há, não raro a encontramos em dias de chuva utilizada para secar os equipamentos, todos nós já encontramos pela frente o futebol. Mas apesar de tudo isto, e do mais, todos nós temos o nosso fraquinho pela «bola».

Vem isto a propósito do Polónia-Portugal que, ironiais do destino, se disputava na mesma tarde que o Campeonato Nacional Individual de Partidas Rápidas. E inevitavelmente todos nós organizadores ou jogadores, estávamos cheios de vontade de ver os passes, (e quiçá os golos) de Oliveiras e Seninhos. Houve quem propusesse um adiamento no início do campeonato.

Não foi avante, felizmente. E dizemos isto agora, depois de pensarmos calmamente no assunto, que na altura não nos faltou a vontade de nos sentarmos em frente do televisor. É que talvez não nos tenhamos dado conta da importância que tem um Campeonato Nacional, e que talvez já nos começamos, jogadores e organizadores, a habituar a alterar, ou tentar alterar, programas e regulamentos con-

forme as nossas conveniências de momento. Um assunto a merecer reflexão...

Cremos que terá triunfado o bom-senso. Jogou-se à hora prevista e desta vez o futebol não subalternizou o xadrez (e desta vez seria muito mais grave porque a responsabilidade iria toda para o xadrez...). Houve porém os que preferiram os lances dos Chalanas e Octávios aos dos Bispos e Cavalos. Entre estes, e foram mais de uma dúzia, sobressai Sílvio Santos, que, a avaliar pela maneira como jogou no segundo tabuleiro do seu clube no dia seguinte, poderia ter tido uma palavra a dizer.

Os inscritos

Eram cento e vinte os inscritos. Entre eles quase todos os mais cotados jogadores nacionais. Ausências mais notadas as de José Pereira dos Santos, MI Joaquim Durão, e dos mais fortes jogadores do F. C. Porto, G. X. Alekhine e Ateneu.

Mas pelas razões já apontadas, apenas 105 começaram a prova.

As eliminatórias

Numa prova disputada em eliminatórias e finais pôe-se sempre o problema do equilíbrio das séries. A não comparência de Sílvio Santos e a utilização da classificação Elo como medida do valor dos jogadores (embora sendo a única possível não reflecte convenientemente a força dos jogadores na modalidade de 5 m) ditaram alguns desequilíbrios na constituição das séries eliminatórias, mas de uma maneira ou de outra quase todos os candidatos aos primeiros lugares estavam entre os vinte finalistas A. Duas caras, no entanto, que nos habituaram ao longo dos anos à sua presença na final, dela foram arredados na eliminação: Júlio Santos, campeão nacional desta modalidade em 1973, e Almeida e Sá, que cede os seus lugares respectivamente a Luís Quaresma e Jorge Alexandre, parecendo assim haver um rejuvenescimento na composição da final. A este propósito note-se que metade dos finalistas eram juniores, ou seja tinham menos de 21 anos.

Salientem-se no entanto três 100% ainda que nas séries mais desequilibradas: António Pereira dos Santos, campeão no ano anterior, à frente de Horácio Freitas, Rui Nunes e Raul Eduardo; Joaquim Anibal à frente de Carlos Quaresma e Carlos Monteiro; e Henrique Pereira à frente de Fernando Castro e Jaime Gilbert.



	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Pts.	
1.º Luís Santos (Sporting C. P.)	●	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	18
2.º Fernando Silva (Sporting C. P.)	0	●	½	1	1	1	0	½	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	16
3.º João Sequeira (C. F. Os Belenenses)	0	½	●	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	14½
4.º Fernando Castro (V. Lamorense F. C.)	0	0	0	●	½	1	1	0	1	1	½	1	0	1	1	1	½	1	1	1	1	12½
5.º Martinho Lopes (G. X. Santarém)	0	0	1	½	●	1	0	1	½	0	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	12
6.º Joaquim Aníbal (S. L. Benfica)	0	0	0	0	0	●	1	0	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	12
7.º Alberto Fernandes (S. L. Benfica)	0	1	0	0	1	0	●	1	1	½	1	0	1	1	1	0	1	1	0	1	0	11½
8.º António Pereira dos Santos (C. A. Alvalade)	0	½	0	1	0	1	0	●	1	1	0	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	11½
9.º Jorge Guimarães (CDUP)	½	0	0	0	½	0	0	0	●	0	1	1	½	1	1	1	1	1	1	1	1	10½
10.º António Fernandes (S. L. Benfica)	0	0	0	0	1	0	½	0	1	●	0	1	1	1	1	½	½	½	1	1	1	10
11.º Fernando Sequeira Jr. (C. F. Belenenses)	0	0	0	½	0	0	0	1	0	1	●	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1	9½
12.º Carlos Quaresma (A. A. Coimbra)	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	●	0	1	1	1	½	0	1	0	0	8½
13.º Luís Quaresma (A. A. Coimbra)	½	0	0	1	1	0	0	0	½	0	0	1	●	0	1	½	1	0	0	1	0	7½
14.º António Ferreira (G. X. Guarda)	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	●	0	0	1	1	1	1	1	7
15.º Henrique Pereira (Viana F. C.)	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	●	0	0	1	1	1	1	6
16.º Jorge Alexandre (C. A. Alvalade)	0	0	1	0	0	0	0	0	0	½	0	0	½	1	1	●	½	0	1	0	0	5½
17.º José Tenreiro (CDUP)	0	0	0	½	0	0	1	0	0	½	0	½	0	0	1	½	●	0	½	1	0	5½
18.º Carlos Prezado (CDUP)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	½	0	1	1	0	0	1	1	●	0	1	0	5½
19.º Fernando Sequeira (C. F. Os Belenenses)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	½	1	●	1	0	3½
20.º Horácio Freitas (G. X. Coimbra)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	●	0	3

As finais

A história da final A é a história da corrida de Luís Santos e Fernando Silva para a última sessão onde tudo se decidiria, desembarçando-se de quantos adversários se lhes punham pela frente. A partir de metade da prova nenhum outro concorrente esteve alguma vez em condições de lutar pelo título. Luís Santos cedeu dois empates, Jorge Guimarães e Luís Quaresma. Fernando Silva empatou com João Sequeira, e perdeu com Alberto Fernandes, antes do empate de salão com António P. Santos na penúltima sessão (mesmo que ganhasse, o Campeão Nacional teria de vencer Luís Santos para ser campeão).

Rodeados por um mar de gente (atrás dos que tinham conseguido lugar na «1.ª fila» já outros tentavam, munidos de cadeiras onde se empoleiravam, ter o privilégio de vislumbrar os 64 quadrados onde se ia decidir o título nacional, ainda que para isso os seus relógios, nas outras finais, marcassem o seu tempo perdido) os dois candidatos começaram o jogo referente à última sessão. Um gambito de dama aceite por Luís Santos, uma peça no ar, e o abandono do Mestre Internacional, foi tudo o que pudemos

ver deste jogo onde se decidiu o título de Campeão Nacional Individual de Partidas Rápidas.

Nas outras finais vitórias de Jaime Gilbert com 15½ em 18 (seguido de Júlio Santos 15½, Mário Morais 14½, Rui Marques 13½ e Almeida e Sá 13) na final B; de António Moura com 13½ em 18 (à frente de Jorge Pinheiro 13½, e João Assunção 13) na final C; de Rodolfo Cruz com 14 em 17 (à frente de Luís Cadillon 13½ e Paulo Marçal 12½) na final D; de Mário Tenreiro com 14 em 15 (seguido de Adérito Mateus) na final E; e de Francisco Ferreira com 7 em 8 na final F.

As equipas

Já no ano passado o Benfica havia beneficiado da sua composição (António e Alberto Fernandes nos 3.º e 4.º tabuleiros) para fazer frente a equipas teoricamente mais favoritas. Mas se no ano passado a diferença para o segundo foi de ½ ponto, este ano bastava fazer ½ ponto na última sessão, contra o CDUP, para revalidarem o título. Alberto Fernandes venceu rápido Carlos Prezado e a questão ficou arrumada.

A diferença entre a escassez de há um ano e o à-vontade deste ano deve-se sobretudo a Joaquim Aníbal incomparavelmente mais forte que Rodolfo Lavrador há um ano, mas a ela não é alheia a maior fraqueza dos opositores (Sporting sem Vítor Silva, Alvalade sem José P. Santos e Michael Diamond, Alekhine ausente e CDUP com Fernando Fernandes em muito má forma). Mesmo para quem conteste que a equipa do Benfica seja a mais forte, não restarão dúvidas que é, de facto, a mais eficiente.

Sporting e CDUP foram as únicas equipas que puderam discutir o título. CAA desfalcado e irreconhecível (três 0-4 contra Sporting, G. X. Coimbra e Benfica), G. X. Coimbra e Belenenses dentro das suas possibilidades, não conseguiram dar

ao torneio a força e o interesse que teve no ano passado.

Na competição por equipas mais do que na individual se notou a ineficácia do sistema de «distribuição equilibrada» com base na classificação elo, adoptado pela organização. Enquanto houve uma série com CDUP A, Benfica A, Académica e F. C. Porto, outra houve com G. X. Coimbra, Viana Taurino, Sporting B e CDUP D.

Nas outras finais a Associação Académica local, talvez a maior prejudicada pela «distribuição equilibrada» ganhou a B com 19½ pontos em 28 possíveis (à frente do Viana T. C. com 17, Cavalo d'Ouro 14 F. C. Porto 13½ e G. X. Guarda 13), a sua equipa B ganhou a final C com 17½ em 28 (seguida pelo Vilanovense 17½, CADCA 16½ e ISEL 15½), enquanto o CDUP C ganhava a final D com 28 em 32 seguido pela ANAG com 24 e o JAC com 19, num total de 33 equipas representativas de clubes.

A organização

Uma última palavra para a organização destes nacionais de rápidas que não pôde merecer o nosso aplauso, já porque o número de elementos que a compunha era escasso, o que levou a atrasos nomeadamente no cálculo de desempates, já porque alguns deles, embora voluntariosos, eram muito inexperientes, o que dificultou o decorrer de algumas séries eliminatórias. O trabalho da A. X. Coimbra, e pese embora todo o esforço que dispenderam, pareceu-nos manifestamente insuficiente (quando na tarde da prova chegaram os elementos da federação ainda houve que transportar todas as mesas e cadeiras para o local do torneio), assim como não nos pareceu a atitude mais correcta face do reduzido número de organizadores, a dos dirigentes da AXC terem jogado o campeonato. Pensamos que em Coimbra, mais que noutros sítios, se gastam inutilmente as energias que nestas ocasiões faltam.

PEDRO PEIXOTO



Comemorou-se o Dia Universal do Xadrez

Em 19 de Novembro de 1888 nasceu em Cuba aquele que viria a tornar-se um dos maiores jogadores de sempre — Capablanca. Hoje, a data do seu nascimento é comemorada em todo o mundo xadrezístico.

José Raul Capablanca foi precoce na arte do xadrez. Com quatro anos, jogava e analisava partidas no clube da sua terra, confessando o respectivo presidente que, nessa época, só podia dar de vantagem ao pequeno jogador um cavalo.

Aos doze anos, Capablanca batia os mais fortes xadrezistas de Havana, e sagrava-se campeão do seu país. Começando então a participar em provas internacionais, muitas das quais ganhou brilhantemente, a sua força aumentava dia a dia, e em 1911 a vitória em San Sebastian deu-lhe o título de grande mestre.

Na América e na Europa, Capablanca bateu os mais fortes jogadores da época, desde logo começando a ser considerado como o mais directo rival de Lasker, que detinha o ceptro de campeão do mundo há mais de vinte anos.

As vitórias do cubano em S. Petersburgo e em Hastings impuseram-no definitivamente como candidato ao título. Combinado o *match*, veio o mesmo a jogar-se em Havana em 1921, tendo Capablanca triunfado espectacularmente por 4:0-

Jogador de uma simplicidade e profundidade extremas nas suas ideias estratégicas, exemplar nas concepções tácticas de impressionante segurança, insuperável no sangue frio com que aplicava a sua ciência,

o declínio de Capablanca iniciou-se em 1927, ano em que foi inesperadamente batido por uma nova estrela que começava a despertar — Alexandre Alekhine.

Tendo perdido o título, Capablanca continuou contudo colhendo louros, conseguindo vários primeiros lugares nos torneios internacionais que disputou entre 1927 e 1939.

Capablanca faleceu em 7 de Março de 1942, vítima de hemorragia cerebral, mas o seu génio e a sua técnica permanecem imortais.

As dimensões extraordinárias que o avanço e o desenvolvimento do xadrez adquiriram em Cuba após a revolução levaram a Federação Internacional a fazer realizar em Havana, em 1966, a XVI Olimpíada e o XXXVII Congresso, em que resolveu consagrar-se o dia 19 de Novembro, data do nascimento de Capablanca, como Dia Universal do Xadrez.

Em Portugal, depois do 25 de Abril, o associativismo renasceu em todo o lado. O xadrez, sendo uma actividade de grupo, foi também uma motivação para que as pessoas se reunissem, para que perspetivassem tarefas em comum, para que criassem o tipo de relações que permite a organização colectiva do trabalho.

No momento em que os núcleos se constituíam no verdadeiro motor do processo de desenvolvimento do xadrez e em que o entusiasmo pela modalidade crescia a olhos vistos, ouviu-se falar pela primeira vez no Dia Universal, através de um artigo de Dagoberto Markl publicado no «República» em Novembro de 1975.

E se, nesse ano, não houve tempo para comemorar condignamente a data, já em 1976 foi possível organizar uma série de palestras no Ateneu Comercial de Lisboa, em que intervieram, para além do próprio Dagoberto Markl, mestre Rui Nascimento e Álvaro Pereira.

Este ano, em que pela segunda vez se comemorou em Portugal o Dia Universal do Xadrez, a Federação apelou às Associações Distritais, aos clubes, aos grupos de xadrez de escolas e empresas, aos órgãos populares envolvidos no processo desportivo para que pomovessem jornadas de dinamização da modalidade.

Não quis também a F. P. X. deixar de realizar qualquer iniciativa nesta data.

Assim, foi publicada uma colecção de cinco postais com temática de xadrez, e no dia 19 foi aposto nos mesmos um carimbo especial dos C.T.T. relativo ao cinquentenário da Federação. Este aconteci-

mento, muito particularmente destinado aos entusiastas da marcofilia, e que, portanto, representa uma forma de ligar o xadrez a outras actividades, decorreu no Centro Social e Cultural dos Trabalhadores do Comércio.

Ao mesmo tempo, realizava-se nas salas daquele Centro e em mais treze locais de outros tantos distritos a segunda fase do Torneio F. P. X., em que tomaram parte cerca de quatrocentos jogadores.

JOSÉ OLIVEIRA

GUIA PRÁTICO DE XADREZ

F. VAN SETERS



A iniciação e o desenvolvimento da prática do xadrez. Van Seters, um campeão, ensina-nos, com um método simples mas eficaz, algumas regras «infalíveis» para levar o adversário a um beco sem saída.

colecção
GUIAS PRÁTICOS



Durão na URSS

O M. I. Joaquim Durão relata a sua deslocação à URSS para participar no Torneio Memorial de Tchigorin, que se realizou em Sotchi

Ao abrigo do protocolo desportivo assinado entre Portugal e a União Soviética, pela primeira vez um xadrezista do nosso país teve oportunidade de tomar parte no Torneio Memorial Tchigorin que, ultimamente, tem sido disputado em Sotchi, famosa estância balnear à beira do Mar Negro e das montanhas caucasianas. Em 1976 o M. I. Fernando Silva esteve em Odessa, mas noutra competição.

Ao conhecer o elenco da prova, à chegada a Sotchi, em seguida avalei que escassas possibilidades tinha em escapar a um dos últimos postos, senão mesmo ao último, pois era o participante com menor pontuação «Elo». Infelizmente a situação não era inédita e tratei de fazer a «guerra» que estivesse ao meu alcance. Consegui não ser último, deixando atrás

somente o jugoslavo Klaric — 2405 pontos «Elo», contra os meus módicos 2305. E esta foi a única «batalha» que ganhei, embora tivesse perdido a partida que nos opôs.

O conjunto da minha actuação proporcionou-me apenas 3½ pontos — contra 3 de Klaric — obtidos através de empates com Suetin, Kjarner, Panchenko e Juravlev (todos da URSS) e Adorjan (Hungria) e uma vitória sobre Shuba (Roménia). Senti, no entanto, a falta de competições desta força, pois desde Janeiro (Orense) que não tomava parte em torneios internacionais magistrais, pouco valendo para provas desta envergadura o treino dos nossos torneios internos. Refira-se que me desloquei à União Soviética poucos dias depois de concluir o Campeonato Nacional,

onde não sofrera nenhuma derrota. O «moral» que levava, no entanto, de pouco valeu.

O torneio de Sotchi - 1977 foi dominado, do princípio ao fim, pelo ex-campeão mundial Mikhail Tahl que, da 6.ª à 8.ª jornadas, esteve acompanhado de Panchenko e, na 10.ª, foi alcançado pelo nosso conhecido e amigo Suetin — que o bateu sensacionalmente — e o acompanhou até à antepenúltima jornada. Aí, Tahl disse adeus aos perseguidores e acabou isolado com um ponto de vantagem sobre Suetin e Geller. Outro ex-campeão mundial, Tigran Petrosian, não quis desmerecer a fama que tem e jogou solidamente, tendo sido o único competidor sem derrotas; mas empatou demasiado, não impressionando. Pelo quadro poderão avaliar a luta travada pelos primeiros e, também, a nula interferência dos estrangeiros no despique entre soviéticos.

Uma curiosidade: fui o único jogador do Ocidente que tomou parte na prova.

Para exemplificar a passividade de Petrosian e que não me perturba nada jogar com um campeão mundial, ou «ex», temos o exemplo da partida que nos opôs.

DURÃO-PETROSIAN

Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. cxd4 Cf6 5. Cc3 a6 6. f4 Dc7 7. Bd3 g6 8. 0-0 Bg7 9. Cf3 Bg4.



J. DURÃO — T. PETROSIAN

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	Pls.
1.º M. Tal	●	½	0	½	½	1	½	½	1	1	1	½	1	1	1	1	11
2.º E. Geller	½	●	½	½	½	½	½	½	1	1	1	0	½	1	1	1	10
3.º A. Suetin	1	½	●	½	½	½	0	½	½	1	1	½	1	½	1	1	10
4.º N. Krogius	½	½	½	●	½	0	½	½	½	½	1	1	1	1	1	½	9½
5.º A. Adorjan	½	½	½	½	●	0	1	½	½	½	1	1	½	½	1	½	9
6.º V. Juravlev	0	½	½	1	1	●	½	½	0	½	½	1	½	½	1	1	9
7.º A. Pachenko	½	½	1	½	0	½	●	½	½	1	½	1	1	½	1	1	9
8.º Petrosian	½	½	½	½	½	½	½	●	½	½	½	1	1	½	1	1	9
9.º N. Raskovski	0	0	½	½	½	1	½	½	●	½	1	½	½	1	1	1	9
10.º I. Zaitzev	0	0	0	½	½	½	0	½	½	●	½	1	0	1	1	1	7
11.º Spassov	0	0	0	0	0	½	½	½	0	½	●	1	½	1	½	1	6
12.º L. Flatchnik	½	1	½	0	0	0	½	½	0	0	●	1	1	0	1	6	
13.º M. Shuba	0	½	0	0	½	½	1	0	½	1	½	0	●	0	½	½	5½
14.º J. Durão	0	0	½	0	½	½	½	0	0	0	0	0	1	●	½	0	3½
15.º H. Kierner	0	0	0	0	0	0	0	½	0	0	½	1	½	½	●	½	3½
16.º Z. Karic	0	0	0	½	½	0	0	0	0	0	0	0	½	1	½	●	3

Primeira surpresa, pois denuncia a intenção de ceder o «par de bispos». Outros lances temáticos eram possíveis, como 9... b5, 9... Cbd7, ou, simplesmente, 9... 0-0.

10. De1 Bxf3 11. Txf3 Cbd7 12. Rh1 e6.

Segunda surpresa, pois deixa o Pd6 com débil sustentação, em coluna que as brancas podem dominar. Este levou-me a mudar erradamente de plano, como verão, mas mais tarde verificou-se, nas análises «post mortem» que teria sido mais forte atacar no flanco de rei com Dh4 e avanço de peões. Tahl considerou 12... e6 «muito arriscado».

13. Bd2 Cb6 14. Td1 Cfd7 15. Bf1

Preferível 15. Dh4 ou 15. g4 constata-se mais tarde.

15... Td8 16. Dh4 h6

Mais surpresas. À passividade das pretas faz-me perder a paciência — que era justamente o que elas queriam.

17. e5 dxe5 18. Ce4 0-0

— Quem tem medo do lobo mau? Eu cá também não tenho.

19. Tc3 Db8 20. f5 exf5 21. Bxh6 fxe4 22. Th3 Cf6 23. Bxg7 Ch5 24. Txd8 Txd8

E chegámos, por via incrível, a tão simplificada posição em que parece que as brancas estão irremediavelmente perdidas. Assim pensei eu, durante a partida, embora com certas reservas. O relógio, no entanto, também já fazia a sua pressão, tanto a mim como ao adversário, dispondo ambos de poucos minutos para o controlo e ainda faltavam 16 lances.

25. Bf6?

Isto perde mas, à noite, ao passear no parque fronteiro ao hotel, embrenhei-me mentalmente na posição e encontrei a forma como escapava, pelo menos temporariamente à derrota. Era com 25. g4! Td1 26. gxh5 Txf1+ 27. Rg2 Tf4 28. Bxe5! Dxe5 29. Dd8+ Rg7 30. hxg6 — se 28... Txb4 (o melhor) 29. Bxb6 e a refrega ainda ficaria indecisa. No dia seguinte mostrei a variante e todos ficaram estupefactos pela escapatória, não conseguindo encontrar uma refutação cabal.

25... Td1 26. Df2 Cd5 27. Bg5 Chf4 28. Bxf4 exf4 29. Rg1 Ce3 30. Txe3 fxe3 31. Dxe3 De5 32. Rf2 Df5+ 0:1

TAHL — SUETIN

Petrof

1. e4 e5 2. Cf3 Cf6 3. Cxe5 d6 4. Cf3 Cxe4 5. d4 d5 6. Bd3 Be7 7. 0-0 Cc6 8. c4 Cf6 9. Cc3 0-0 10. Te1 dxc4 11. Bxc4 Bg4 12. Be3 Ca5 13. Bd3 Te8 14. h3 Bh5 15. a3 a6 16. d5 c5! 17. Bg5 b5 18. Te5 Bg6 19. Bxg6 hxg6 20. d6? Dxd6 21. De2 Cc4! 22. Ce4 Dd8 23. Td1 Cxe5 24. Txd8 Cxf3+ 25. Dxf3 Taxd8 26. Bxf6 Bxf6 27. Cxf6+ gxf6 28. Dxf6 Td2 29. Dxa6 Txb2 30. Dc6 Te1+ 31. Rh2 Tee2 32. g4 c4 33. Rg3 Tb3+ 34. Rh4 Txf2 35. Rg5 Txb3 36. a4 c3 37. axb5 c2 0:1

SUETIN - DURÃO

Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Be7 6. Te1 b5 7. Bb3 d6 8. c3 0-0 9. h3 Cb8

Este lance, de aparência bizarra, constitui uma variante de Breyer da Abertura Ruy Lopez e, hoje, quase comparte de favoritismo com a clássica continuação de Tchigorin 9... Ca5 10. Bc2 c5 11. d4 Dc7 12. Cbd2 Cc6. O lance do texto só aparentemente perde um tempo, pois, na realidade, o que busca é a perfeita situação na estrutura de peões estabelecida, e Breyer pensou que a casa ideal seria d7, donde também vigia o centro. Repare-se que, na linha de Tchigorin acima apontada, o cavalo também fez uma «viagem» a a5 para regressar depois a c6. Assinala-se ainda, por curiosidade, que em outras variantes, o cavalo evoluciona de forma diferente: c6-a5-c4-b6 — tudo depende da estrutura dos peões, determinante das características posicionais da situação, e na qual tem influência a vontade de ambos os jogadores, ou de uma preferência do condutor das negras.

10. d4 Cbd7 11. Cbd2 Bb7 12. Bc2 Te8 13. Cf1 Bf8 14. Cg3 g6 15. a4 c5 16. d5 c4

Um desvio importante seria agora 16... Cb6, sobre o qual o leitor pode recolher elementos na partida Karpov - Smejkal, Moscovo 1977 (RPX n.º 3, pág. 41).

17. Be3

Neste exacto momento parece-me iné-

dito, embora tenha sido jogado em posições idênticas. O já ensaiado foi 17. Bg5 para convidar ao debilitamento 17... h6 seguido de 18. Be3. Ver partida Spasski-Portisch. Genebra 1977 (RPX n.º 5, pág. 67), mas observo que as brancas poderiam ter melhorado a partir do 20.º lance, com 20. Ch2, em vez de 20. Ta3.

17... Cc5 18. Cd2 Cfd7 19. Tf1 Cb6 20. axb5

O Cb6 obrigou a4 a definir-se. A alternativa de considerar era: 20. a5 Cbd7, pois se 20... Cba4 21. Ta2 e os cavalos estão manietados, além de que as brancas ficam com ameaças latentes de sacrifício em c4. No entanto a continuação 20. a5 pode deixar este peão comprometido no futuro, se a torre protectora tiver de ser chamada a outras tarefas.

20... axb5 21. Txa8 Dxa8 22. f4 exf4 23. Bxf4 Cbd7 24. Cf3 Ce5

Já, embora se pudesse considerar a preparação f6, para evitar a passagem do Pd5.

25. Cxe5 dxe5 26. Bg5 Dc8 27. Df3 Dd7 28. Bf6 Bc8 29. Rh1

Uma continuação poderosa era 29. Ch5! com ameaças conjugadas: 30. Bxe5 para deixar f6 ao cavalo e se 29... gxh5 30. Dg3+ .O melhor seria responder 29... h6, mas as brancas mantinham forte ataque. Outro ponto débil das pretas era f7.

29... h6

Para eventualmente jogar Bf8-g7 e obrigar à troca.

30. Ce2 Cb7 31. Cg1 Cd6 32. g4

Uma vez que o jogo de peças não lhes rendeu benefício, as brancas buscam a ruptura com ataque à baioneta.

32... Bg7 33. Bxg7 Rxg7 34. Df6+ Rh7 35. Rg2 De7 36. Rg3 Dxf6 37. Txf6 Td8

Com a política de trocas as pretas aliviaram os seus temores. Agora têm que evitar que a torre disponha do ponto avançado em que se encontra — pois obrigaria à imobilização do Cd6 e da defensora Td8, que lhes corta o passo ao outro flanco, onde o Pb5 tinha poucas hipóteses de sobreviver.

38. h4 g5!

Importantíssimo.

39. hxg5 hxg5 40. Tf1

Em busca da coluna a. Se 40. Ch3 Rg7 41. Tf1 f6 e o resto seria semelhante à partida.

40... Rg7

É preciso proteger o Pf7.

41. Ta1 Bb7 42. Cf3 f6 43. Cd2 Ta8 44. Txa8 Bxa8 45. b3 Bb7 46. bxc4 bxc4 47. Ba4 Bc8 1/2:1/2

Nesta posição a partida foi suspensa e acordado o empate sem prosseguimento. A análise demonstrou que as brancas não podem acometer suficientemente o Pc4 e que não podem descurar a defesa do Pg4. Igualmente as pretas têm de vigiar o Pf6 com o rei, quando atacado pelo cavalo em h5.